

Juventude, política e peronismo nos anos 60 e 70*

Carlos R. Etulain¹
Universidade São Francisco

Resumo

O surgimento dos grupos de esquerda dentro do movimento peronista é um fenômeno que se produziu nos anos 60 e contribuiu, na década seguinte, com o retorno de Perón à Argentina e com seu último governo. Analisa-se de que forma o imaginário dos grupos de esquerda, composto principalmente por jovens, integrou valores da esquerda política com a ideologia peronista, como surgiu, no movimento peronista, a ideologia de esquerda, qual foi o papel de Perón em relação à esquerda peronista e qual foi o cenário político em que se desenvolveu a esquerda peronista. Destacam-se os grupos *Montoneros*, *Juventud Peronista*, *Fuerzas Armadas Revolucionarias (FAR)* e *Fuerzas Armadas Peronistas (FAP)*. A partir de método que utiliza pesquisa documental e entrevista a militantes e especialistas, este artigo aborda a hipótese de que a luta pela chamada “liberação nacional” teve significados e conseqüências diferentes para os militantes, dependendo de seu lugar na estrutura do movimento.

Palavras-chave: Peronismo; Esquerdismo; Juventude; Liberação nacional; Grupos armados.

Abstract

The approach of left groups inside the Peronism movement is an occurrence that took place in the 60's and contributed, in the next decade, to the return of Perón in Argentina for his last mandate. It should be analyzed in which way the left groups imaginary, composed mostly by young people, absorbed left politics values and the Peronism ideology. How the left ideology showed up.

* Youth, politics and peronism in the 60's and 70's

¹ Endereço para correspondências: Rua Joaquim Novaes, 70, ap. 71, Cambuí, Campinas, SP, 13015-915 (E-mail: etulain@terra.com.br). Este artigo corresponde a uma parte da tese de doutorado *Peronismo e esquerda*, defendida na Unicamp (IFCH, 2001), financiada pelo CNPq.

What was Perón role over the left Peronism and what was the politics scenery in which it developed. We detach the *Montoneros*, *Juventud Peronista*, *Fuerzas Armadas Revolucionárias* (FAR) and *Fuerzas Armadas Peronistas* (FAP) groups. Through documental research and interviews with militants and specialists, we discuss the hypothesis that the fight to reach “National Release” had different meanings and consequences to militants, depended on their position on the movement structure.

Keywords: Peronism; Leftism; Youth; National release; Armed groups.

Introdução

Este estudo trata do surgimento dos grupos de esquerda dentro do movimento peronista, fenômeno que se produziu nos anos 1960 e que muito contribuiu, na década seguinte, com o retorno de Perón à Argentina e com seu último governo.

Aqui se destaca a ativa participação da juventude, num contexto de complexidade extrema, dado encerrar, em poucos anos, quedas de presidentes, golpes de Estado e surgimento de grupos armados. Analisa-se, primeiramente, o contexto político dos anos 60 e, a seguir, o surgimento dos grupos de esquerda dentro do movimento peronista.

Muitos estudos sobre a juventude têm surgido nos últimos anos. Focalizam-se neles aspectos variados da vida, da cultura e dos problemas desse amplo setor da população (WAISELFISZ, 2004; BOUSQUAT e COHN, 2003). Juventude é um conceito de tradição na sociologia (ORTEGA y GASSET, 1989; MANNHEIM e STEWART, 1973; FORASCHI, 1972, dentre os principais) e também é comum se apresentar como um coletivo de precisão estatística². Neste estudo, a referência ao grupo social da juventude identifica a geração que, nos anos 60 e 70, enquadrava-se aproximadamente nessa faixa etária, mas, mais importante do que a faixa etária, essa geração teve como característica identificadora o fato de ter sido o ator social que mais se destacou por sua forma de pensar e de agir em termos ideológicos e políticos.

² Em geral, considera-se juventude a faixa de população de 14 a 25 anos de idade, corte etário que serve para pesquisas mediante coleta de dados e para efetuar comparações, seguindo-se a linha dos trabalhos de Waiselfisz (2004).

O âmbito de preocupações dos jovens argentinos das décadas de 60 e 70 esteve marcado pelo interesse moral e por profundas convicções políticas e ideológicas. Este trabalho, entretanto, observa que, no contexto histórico da época, o sistema de idéias dessa geração viu-se limitado pela associação da revolução social ou, como os próprios jovens falavam, da “liberação nacional”, com a figura de Perón, e, por sua vez, pela associação de Perón com a luta antiimperialista.

Ao falar em movimento peronista, indica-se não unicamente o partido peronista, mas o conglomerado social que se congregou em torno da atração exercida por Perón. O movimento peronista abrangia o setor sindical, o partido peronista e diferentes setores de classe, assim como ramos e organizações, porém, seu peso principal era dado por sua ascendência sobre os trabalhadores e os setores populares.

Os jovens da época foram o setor da sociedade argentina que mais contribuiu para o desenvolvimento do peronismo de esquerda. Suas idéias giravam em torno de um quadro analítico que entendia que a luta dos trabalhadores, mediatizada pela experiência do peronismo, era o ponto de partida para uma luta ainda maior contra os países imperialistas, principalmente os EUA. É que os governos transitórios e a ditadura dos anos 60, com seus mecanismos repressivos e inibidores das várias formas da liberdade civil, não fizeram mais do que promover, nas novas gerações – que liam Marx, observavam os fenômenos político-sociais da Argélia, do Vietnã, da China e, bem de perto, de Cuba –, sentimentos de oposição e interesse pela transformação radical da sociedade argentina.

Contudo e ao contrário do que as novas gerações esperavam e desejavam, essa luta pela liberação nacional, para Perón, significou a luta pela recuperação de seu poder político na Argentina e, nesse sentido, uma luta em várias frentes, mas apenas contra os que o haviam expulsado do governo e do país, em 1955.

Já a esquerda peronista – que era o setor que passou a receber o influxo de jovens que se politizavam nessas circunstâncias –, entendia que a luta deveria ir além disso, dado que Perón, como líder dos trabalhadores, estava obrigado a seguir o curso natural de toda luta verdadeiramente operária, que consiste na abolição do capitalismo. Assim, nesse jogo em que Perón atraía os jovens com mensagens incendiárias, o movimento peronista – muito mais do que a estrutura partidária, um fenômeno social que envolvia diferentes setores da sociedade argentina no pano de fundo de idéias e sentimentos

configurados desde os anos 40, quando Perón começou a ganhar notoriedade pública – transformou-se no veículo que buscou superar um enigma estabelecido na história argentina, desde que os primeiros partidos de esquerda surgiram em seu solo: o divórcio das idéias revolucionárias com massas. Noutras palavras, o movimento peronista poderia ser o veículo de uma transformação social muito maior do que a estratégia do pão, sindicatos oficiais e da festa popular desatada por Perón, desde os anos 40.

O contexto político e social dos anos 60: Illia, Onganía e a etapa final da proscrição peronista

Uma vez surgido do peronismo na história política argentina, este parece ter se transformado no fato mais difícil de processar. Sua rejeição transformou a política em um processo burocrático estagnado e carregado de descrédito, mas sua aceitação também significou um longo e difícil processo de enfrentamentos. Perón tinha abandonado a Argentina em 1955, depois do golpe de Estado que o depôs. Sindicatos e militares, antigos suportes do poder de Perón, enfrentaram, desde então, profunda crise, que sempre girava em torno de peronismo e antiperonismo.

No caso dos militares, o conflito peronismo-antiperonismo tomou conta de sua estrutura, pretensamente neutra à política. Todos os militares situavam-se como opositores do peronismo. Entretanto, essa oposição instalava-se sobretudo entre aqueles que aceitavam incorporar o peronismo (com seus representantes sindicais e partidários) em um diálogo político contido e controlado (eram chamados de integracionistas ou neoperonistas), e de outro lado estavam os que, decididamente, eram antiperonistas, cuja ira só se satisfazia na aniquilação do peronismo. A crise nas forças armadas levou à divisão entre “azules” e “colorados”.

Depois do golpe que derrubou Perón sucederam-se governos sem eleições. O primeiro governo eleito pelas urnas – embora com a proibição do peronismo – foi o de Arturo Frondizi (1958-1962), que conviveu com a difícil conjuntura de receber pressões de várias instituições e de vários setores da sociedade argentina. Frondizi sofreu outro golpe de Estado que colocou J. M. Guido, até então presidente provisório do senado, na presidência da República. Guido ocupou o cargo, enquanto a estrutura militar tentava encontrar uma saída para o conflito entre “azules” e “colorados”.

Líder e ideólogo do peronismo de esquerda, John Willians Cooke trabalhava incansavelmente na época, para transformar o movimento peronista em socialista e revolucionário. O peronismo, à luz da posição de Cooke, seria meio para a revolução social. Sua visão do peronismo e sua prática como militante e político buscavam reverter o velho destino da Argentina de manter sempre as massas à margem de teorias e partidos revolucionários. Cooke considerava que, sendo assim, restaria para o movimento a ingloriosa trajetória de todo populismo, ser burguês e ficar submetido a dirigentes de ocasião. Sobre as trocas de presidentes, disse ele na época: “Entre dos miserables les convenía el más opaco e inocuo: Guido” (Informação verbal, apud BASCHETTI, 1988, p. 104).³

O país, politicamente atravessado pela questão do peronismo e sem conseguir superá-la, sujeitou-se a permanentes trocas de presidente. Na política, de um lado, estavam os setores dispostos a fazer alianças com os governos de turno (dentre eles, os peronistas que desejavam obter a legalidade para candidatar-se e que, para isso, aceitavam se apresentar como partidos peronistas independentes de Perón), de outro, ficavam os peronistas fiéis a Perón, que reivindicavam uma abertura política completa, sem restrições a Perón nem ao peronismo.

Perón, desde o exílio, mantinha viva sua presença de líder máximo do movimento. Sobre o presidente Guido, que, por meio do golpe, tinha substituído Frondizi, disse Perón desde o exílio:

El gobierno de Guido fue sólo la consecuencia de lo anterior, se produce en el momento en que las circunstancias demostraron que Frondizi podría malograr los fines y los planes de la dictadura militar, que practicamente venía gobernando desde 1955 [...] Guido fue aceptado de buen grado porque los “altos mandos” se persuadieron de que, por sus escasos valores y falta de personalidad, era el personaje que más se adaptaba a sus intenciones y designios (Informação verbal, apud BASCHETTI, 1988, p.132).⁴

³ Carta “a um grupo de compañeros peronistas”, La Habana, 1962.

⁴ *El Gran Pueblo Argentino*, mensagem de Perón, mensagem de Perón do exílio, out. 1963.

A saída eleitoral foi um jogo complicado para o peronismo no âmbito dos sindicatos – aliados tradicionais do movimento. As posições estavam cindidas. O grupo sindical chamado *62 Organizaciones* manteve o ataque direto ao governo, rejeitou a saída eleitoral que excluía Perón. As divergências atravessavam também os vários setores políticos do peronismo. O *Comando de Coordinación Superior* – cúpula da organização do movimento constituída a partir da derrocada do governo de Perón – estava integrado (cindido, na verdade) por políticos peronistas, que destacavam sua incondicional subordinação a Perón, mas também pelos neoperonistas, que queriam participar de eleições e ganhar cargos políticos sem a presença de Perón (ARIAS e GARCIA HERAS, 1993).

Os primeiros estavam subordinados a Perón, entretanto, representavam a postura mais radical. Incondicionais ao peronismo com-Perón, reafirmavam a estratégia do retorno de Perón à Argentina, como forma de promover uma revolução que teria como líder o autêntico condutor das massas. Para eles, o “Movimiento Peronista en el poder significa la Revolución Nacional” (MILITANCIA, 1973, p. 7).⁵

Depois de Guido, houve uma nova eleição – também sem o peronismo –, que foi ganha por Arturo Illia, da *Unión Civica Radical* (UCR), partido político criado no final do século XIX, que tinha começado sua trajetória lutando pelo voto livre, contra os interesses da oligarquia e que integrava a classe média urbana e os pequenos produtores rurais. O governo que se seguiu foi tímido, pois teve de se equilibrar na corda bamba do antiperonismo e suportar as pressões desatadas por um setor do sindicalismo que representava a direita política e tinha por regra atacar o governo eleito e defender a ditadura. Seu líder era Vandor. Perón disse na mensagem “El Gran Pueblo Argentino”, citada acima:

Así se llega a la farsa de las elecciones del 7 de junio de 1963, que quedarán en la historia política argentina como un modelo de arbitrariedad y descarada simulación. En ellas se convirtió la mayoría en minoría y se obligó al pueblo a optar entre hombres repudiados, al tiempo que se proscribía, no a un hombre o a un partido,

⁵ “Violencia Revolucionaria”, mensagem do Movimiento Nacionalista Revolucionario Tacuara.

sino a toda la opinión pública nacional. Como consecuencia de este episodio, el país dispone hoy de un gobierno fantasma, cuya representatividad efectiva ni se acerca siquiera al veinte por ciento del electorado argentino. El “nuevo presidente” se há convertido en otro Frondizi (Informação verbal, apud BASCHETTI, 1988, p.132)

O governo que cobriu o período de 1963 a 1966 ficou conhecido pelo estilo acanhado do presidente Illia. Na verdade, também para ele o contexto foi de pressões e dificuldades crescentes. Esse governo errou em várias esferas, como na política internacional, na política econômica e nas relações públicas. Contudo, um de seus maiores problemas foi o ataque constante do sindicalismo de Vandor, tradicional colaborador dos governos da ditadura.

Durante o governo de Illia, os sindicalistas que seguiam Vandor começaram a organizar greves e a marcar sua oposição ao novo governo. As greves foram constantes e o desgaste da política oficial evidenciou-se, nem bem o novo governo tinha sido eleito. Esses sindicalistas que, na ditadura, apoiavam o governo de turno, confrontaram de forma direta a presidência de Illia.

Nesses anos, o general Juan Carlos Onganía, tradicional opositor de Perón, manteve firme sua posição contra o peronismo, declarando em várias oportunidades que não havia autorização para que Perón retornasse do exílio. Enquanto isso, Perón recebia os peronistas em Madri e lhes dava apoio.

Finalmente, em 11 de setembro de 1964, a Câmara de Deputados aprovou o projeto de anulação da proscricção do peronismo. Depois disso, o líder sindical da esquerda peronista, Andrés Framini, de volta de Madri, confirmou publicamente que o retorno de Perón se daria ainda naquele ano.

As Forças Armadas continuaram a se opor ao retorno de Perón. Na verdade, Illia não tinha uma relação de confronto com os militares, e, tentando equilibrar as pressões, muitas vezes lhes obedecia. Com isso, o general Onganía começou a ocupar um lugar de destaque na vida pública Argentina. Viajou para China, Japão e Espanha, sempre investido de poder e atraindo a atenção da mídia.

Em 17 de outubro de 1964, na comemoração do “dia peronista” – uma das datas que configuram a história do peronismo –, em gravação reproduzida na *Plaza Once*, na cidade de Buenos Aires, escutou-se a voz de Perón, prometendo seu retorno ao país. A primeira operação de retorno de Perón fracassou: o governo argentino impediu que o avião que o trazia,

e que tinha feito escala no Rio de Janeiro, continuasse o vôo para Buenos Aires. Perón voltou para Madri e, em resposta, mandou sua esposa, Maria Estela Martinez, que visitou várias províncias, e reuniu-se com líderes sindicais e políticos.

Não obstante serem tempos em que os militares davam declarações dizendo que todos os problemas argentinos deviam ser resolvidos à luz da Constituição, o governo de Illia também acabou sendo deposto por um novo golpe, dessa vez encabeçado pelo próprio Onganía. Chama a atenção que, no golpe que derrubou Perón, em 1955, a atmosfera foi tensa e explosiva, já, quando caiu Frondizi, também se fizeram sentir as tensões sociais, porém, na derrocada de Illia, a sociedade argentina pareceu começar a viver burocraticamente o processo de golpes e contragolpes que caracteriza a época.

A esse respeito, em obra que cobre o período 1943-73, na Argentina, o historiador Felix Luna (1972, p. 183) refere as palavras de Perón:

El derrocamiento de Illia no estuvo enmarcado, ni remotamente, de circunstancias tan dramáticas. Mansamente, por vías casi burocráticas, se hizo efectivo el operativo de expulsarlo de la Casa Rosada.

As declarações de Perón, como essa acima, sempre foram ríspidas em relação ao governo de Illia, devido ao fato de as eleições que o levaram à presidência terem sido realizadas com a proscricção do peronismo. No golpe que depôs Illia e empossou Onganía, pensou-se que Perón o apoiava, contudo, Perón não o apoiou, simplesmente aproveitou o conflito para tentar, mais uma vez, articular o futuro do movimento.

O general Onganía inaugurou seu governo com novas proibições. Principalmente, a atividade política foi banida. Onganía era “azul”, isto é, pertencia aos militares que rejeitavam absolutamente o peronismo, mas, no poder, sonhava com ser Perón. Dizia que o exército representa o povo, fazia discursos e aparecia em público sempre que podia. Anunciou um governo sem limite temporal, com uma agenda definida pela reestruturação econômica, social e política. Perón declarou o regime de Onganía como sendo “gorila”, que é uma expressão usada pelos peronistas para designar as posições antiperonistas e associá-las com as posições mais reacionárias.

Ao mesmo tempo, Onganía projetou uma imagem de homem sóbrio, afastado da política e crente na tecnocracia. Em sua gestão – de junho de 1966 a junho de 1970 –, conciliou modernização excludente com repressão.

Nesses anos, entretanto, ocorriam fatos surpreendentes para a Argentina. Paralelamente aos aspectos gerais da modernização, o clima de repressão e de desconforto contribuiu mais para reforçar os sentimentos de luta popular, protesto e organização do que para inibir o movimento social. Esse sentimento que tomou força conseguiu, pela primeira vez, reunir setores da sociedade que, até então, tinham se mantido separados: como intelectuais, estudantes e trabalhadores. A fase era de alta, em termos da produtividade simbólica dos discursos que buscavam despertar o sentimento de rejeição aos governos impostos pela força.

Ongania, enquanto beneficiava o grande capital, impunha fortes pressões aos cidadãos, com quedas no nível dos salários, desemprego e controle permanente da polícia. O conflito social, nesses anos, acirrou-se, prova disso são a violência dos grupos armados e as greves dos setores do sindicalismo combativo.

Assim, num contexto social de relações de poder assimétricas e em confronto, desenvolveu-se um leque amplo de expressões lingüísticas, gestos e ações que conforma a ideologia e o “sentido das coisas” da época e que configura fielmente a conjuntura estabelecida. Na época, revistas e jornais da esquerda estavam endereçados aos próprios militantes, embora fossem de circulação corrente entre vários setores da sociedade. A linguagem, frequentemente acessível, carregava termos de uso canônico (revolução social, luta de classes, luta operária, liberação ou dependência), sempre inspirados em fórmulas teóricas que combinam realidade social e luta libertária, da análise de um fato político ao último livro de Hernández Arregui – intelectual nacionalista, popular e de esquerda, que contava com um público entusiasta dentro da juventude.

A produção escrita formava em seu conjunto uma rede de mensagens combativas que, nesses anos, multiplicou-se em escala inimaginável. Os sentidos dessa rede concentravam-se em torno dos elementos que compunham a dimensão ideológica básica da esquerda dos 60 e 70: crítica ao capitalismo, liberação da classe trabalhadora, liberação nacional, liberação da América Latina. Tudo, entretanto, aparecia – na esfera do pensamento da juventude peronista – associado à figura de Perón. Esta é a marca indiscutível da época: se o ator revolucionário é a classe trabalhadora, Perón é o líder desse processo histórico.

As formações de esquerda no peronismo

Vários fatos acabaram por marcar o destino do governo de Onganía. Dentre eles, o protesto generalizado, encabeçado por estudantes e trabalhadores, acontecido na cidade de Córdoba, em maio de 1969, conhecido como “El Cordobazo” e a morte do líder sindical de direita, Vandor, em 30 de junho de 1969, causada por grupos peronistas, contrários à burocracia sindical e ao peronismo sem-Perón.

Vandor, típico representante da burocracia peronista, tinha sido o principal líder sindical integracionista (peronismo sem-Perón). Ele exercia poderosa influência, mas também, dentro do peronismo, era julgado negativamente por todos os que se alinhavam a Perón, no sentido de lutar por seu retorno (peronismo com-Perón). Essa situação tinha colocado, por vezes, Vandor em concorrência com Perón. Perón, mesmo assim, nunca desprezou ou rejeitou Vandor. No exílio, Perón preferia manter-se vinculado a uns e ao outro, para garantir assim a liderança do movimento. Entretanto, Vandor era rejeitado por muitos peronistas, especialmente os revolucionários, recebia ameaças de vários setores sindicais e acabou sendo morto por uma ação do *Ejército Nacional Revolucionario* (ENR), em 30 de junho de 1969, “Por haberse confabulado con el integracionismo” (Informação verbal, apud BASCHETTI, 1988, p.384)⁶. Tempo depois, nos anos 70, quando a esquerda peronista declarava sua oposição aos burocratas do movimento peronista, costumava cantar a seguinte frase, endereçada aos líderes da direita peronista: “A vos te va a pasar lo mismo que a Vandor” (fazendo referência, com isto, a que os sindicalistas burocratas teriam o mesmo final que teve Vandor).

A esses fatos somou-se, no ano seguinte, o seqüestro e a morte de um dos principais representantes da “Revolución Argentina” – o golpe que derrocou Perón em 1956 –, o general Aramburu, que condenava o peronismo enquanto também sonhava com ser Perón. O general, em plena época da ditadura e repressão, foi seqüestrado pelo grupo Montoneros, que, com isso, fez sua primeira e explosiva aparição pública. Montoneros constituía-se maioritariamente por jovens que pensavam em termos de provocar uma revolução socialista e nacional e que – acreditavam eles – teria Perón como líder.

⁶ “Declaración del ENR”.

Um ano depois de El Cordobazo, em 1970, o general Aramburu foi seqüestrado pelo grupo Montoneros. O seqüestro foi organizado com extrema precisão e simplicidade. Dois militantes vestidos de soldados apareceram no endereço de Aramburu e apresentaram-se como seguranças do general. O general, que era um alto representante do poder militar, mas mantinha sérias diferenças com Onganía, desejava se tornar presidente da Argentina. Montoneros considerava-o o principal inimigo do peronismo e, por isso, dos interesses populares da nação. Os militantes, camuflados de soldados que assistiam o general, levaram-no para uma antiga residência de campo, onde foi submetido a um julgamento por sua participação na “Revolución Libertadora” e condenado à morte mediante fuzilamento. Aramburu, perante a sentença, deixou uma carta que foi difundida pela revista de esquerda *La causa peronista* (em 3 de setembro de 1974), na qual registrou seus últimos momentos. As declarações de Montoneros sobre o seqüestro e julgamento de Aramburu foram assunto nacional. Vários jornais da esquerda reproduziram essas declarações, como é o caso de *Avanzada socialista* (1974), do Partido Socialista de los Trabajadores.

Enquanto, de um lado, o governo de Onganía disseminava-se como sendo o dono da ordem e da tranqüilidade social, de outro, os fatos evidenciavam em que medida a ordem social era capaz de produzir e organizar forças, que começaram a se manifestar de forma radical. As organizações armadas de esquerda ostentavam presença, enquanto Onganía pretendia ostentar uma Argentina sem conflitos. Na época, disse Felix Luna (1972, p. 200):

Algún dia se podrá escribir la crónica de estos grupos que tienen nombres (Ejército Revolucionario del Pueblo, ERP; Montoneros; Fuerzas Armadas de Liberación, FAL; Fuerzas Armadas Peronistas, FAP), pero que actúan en el mismo plano de clandestinidad y com idéntica audacia [...] integran sus cuadros jóvenes de clase media o alta, técnicos y profesionales, muchachas que vienen de los orígenes mas diversos, desde la lucha de izquierda hasta el catolicismo “tercermundista”.

Durante a radicalização do processo de contestação ao regime, numerosos setores da classe média, a maioria deles composta por jovens, tiveram rápido influxo para o peronismo. Vinham das escolas, das fábricas e das universidades,

todos impulsados pelo clima de oposição. Foi uma resposta rápida a El Cor-dobazo. Jovens das escolas secundárias, das universidades e da Igreja Ca-tólica do Terceiro Mundo mostraram seu interesse e sua capacidade surpre-endente de organização. Perón, que sempre buscou manter vínculos com a juventude e que o fizera sempre sinalizando uma linha de continuidade entre sua carreira política e o imaginário revolucionário dos jovens da época, em duas cartas, dissera a eles: “Comienza la etapa de luchar disciplinadamente, cada uno en su puesto” (Informação verbal)⁷; “No olvidar jamás que los combatientes provienen de la masa y que sin el apoyo de la masa, es imposi-ble la labor revolucionaria”; “Nos hemos planteado la tarea fundamental de triunfar sobre los explotadores, aún si ellos están infiltrados en nuestro movi-miento político” (Informação verbal, apud BASCHETTI, 1988, p. 222).⁸

A *Juventud Peronista*, uma linha criada dentro do movimento peronista, também manifestava objetivos paralelos aos da esquerda revolucionária: “Socializar dietas y salários de los militantes, trasladar decisiones políticas de la burocracia del estado a las bases populares”, e declarava, ainda: “Estas son conductas de todo aquel que se sienta un leal soldado del Movimiento Nacional Peronista” (Informação verbal).⁹

Surgiram, no início dos anos 70, tentativas de unificar os grupos de jovens num mesmo corpo. Conseguiu-se, em 1972, definir entre eles uma organização com o nome de *Juventud Peronista* (JP). Criou-se, ao mesmo tempo, a *Juventud Peronista Universitaria*. Seu antecessor – o maior grupo universitário do momento – era a *Juventud Argentina por la Emancipación Nacional* (JAEN), cujo líder, Rodolfo Galimberti, estudante de economia com acesso direto a Perón em Madri, tornar-se-ia chefe e condutor da *Juventud Peronista*. A *Juventud Peronista* foi, de fato, responsável pela mobilização social dessa geração de jovens e pela organização das opera-ções para o retorno definitivo de Perón à Argentina.

Paralelamente a essa formação apareceram, no seio do movimento peronista, os grupos de guerrilha, do mesmo modo que, nos primeiros anos do golpe antiperonista, surgiram os grupos de natureza espontaneísta, que fizeram parte da chamada “resistência”, depois de 1956. A diferença é que, nos 60, os grupos apresentavam mais organização, contavam com referências ideoló-gicas mais elaboradas e desenvolveram identidades históricas para se afirmar.

⁷ Carta de Perón a los compañeros peronistas, 2 de dezembro de 1964, mimeo.

⁸ Carta de Perón a la JP, 1965.

⁹ Compromiso de la JP com el pueblo de la patria. Comunicado, 26 de maio de 1973.

Não obstante, pequenos em número de militantes, eram promissores em termos da capacidade de adesão de diferentes setores da sociedade argentina a uma tendência de radicalização, de esquerda, que buscava funcionar como zona declaradamente progressista das reivindicações emancipatórias do povo.

As *Fuerzas Armadas Revolucionarias* (FAR) surgiram em 1966, as *Fuerzas Armadas Peronistas* (FAP), em 1968, e *Montoneros*, em 1970. As FARs eram compostas originariamente por marxistas afastados dos partidos da esquerda tradicional, dentre eles, Roberto Quieto e Marcos Osatinsky, que buscavam implementar um grupo de ação, baseado na experiência de Che Guevara. Mesmo com argumentos e idéias marxistas, as FARs reivindicavam o retorno de Perón. As FAPs foram criadas como braço armado do movimento, diretamente dentro do peronismo. Tinham como antecessor um grupo de guerrilha chamado *17 de Octubre*, que se tornou conhecido pelo local onde se instalou para começar suas ações, *Taco Ralo*, mas logo foi desintegrado pelas forças armadas. Também exigiam o retorno de Perón. Montoneros é uma decorrência das idéias da Igreja Católica do Terceiro Mundo combinadas com idéias da esquerda e do peronismo. As FARs e Montoneros, a partir de março de 1973, uniram-se num mesmo grupo, sob o nome do último.

A ação política da Juventude Peronista coincide, em muitos aspectos, com a de Montoneros. Sua origem e seus membros têm, inclusive, características similares. A oposição ao governo militar conseguiu reunir, durante os anos 60, estudantes e trabalhadores, em luta contra a repressão, junto àqueles que se desvinculavam da esquerda mais tradicional, no estilo do Partido Socialista e dos comunistas.

Nesse sentido, os anos 60 representam mudança em termos das interpretações da esquerda tradicional. A nova esquerda redefiniu Perón. Ele não só passou a ser aceito, mas também a ser considerado líder legítimo da revolução. Nessa interpretação que a esquerda peronista fez de Perón, integraram-se os elementos próprios da ideologia da esquerda nacional: a transformação da Argentina num país socialista significava começar em casa uma tarefa que envolveria toda a América Latina. Perón, por outro lado, gostava de manifestar adesão aos projetos políticos populares, sobretudo nos anos 60, quando ainda estava no exílio, e costumava apresentar a realidade das ditaduras militares de América Latina como empecilho ao projeto libertário que se gestava.

Aos aspectos ideológicos que figuram na trama da relação entre os jovens da esquerda peronista e Perón junta-se o próprio fato de os militantes serem jovens, aspecto que tomou conta das primeiras análises do fenômeno peronista dos anos 60 e 70. Conforme James (s.d., p.283), “Having no previous experience or history in the Peronist movement, they had an idealised vision of the Peronist past, of the movement and, of course, of de Perón himself”. A Juventude Peronista e Montoneros encarnaram, nesse sentido, a ruptura com o passado peronista mais ortodoxo – do discurso oficial e da burocracia partidária e sindical peronista –, e viram em Perón um líder, não só popular, mas, sobretudo, revolucionário.

Crise das Forças Armadas, fracasso da política econômica, reforço da postura anticomunista das elites e dos militares, manifestação da violência armada, todos foram fatos que desqualificaram o governo e a figura do general Onganía. Interessante é observar que os mesmos fatos serviram para afirmar o vazio do poder político na Argentina, que os militares tentaram, sem êxito, preencher durante os anos de ditadura.

Em junho de 1970, o general Lanusse difundiu um comunicado em que retirava o apoio das Forças Armadas ao governo do general Onganía. Em resposta, Onganía determinou a retirada de Lanusse, que comandou um novo golpe. O novo presidente, escolhido por um grupo de comandantes, foi o general Roberto Marcelo Levingston, que nem mesmo se encontrava na Argentina quando da designação.

Embora o governo de Levingston tenha sido sucedido pelo de Lanusse, a curta permanência do primeiro constituiu, realmente, a última tentativa de recriar uma Argentina sem-Perón e sem política. Levingston tentou fazer reviver um projeto já fracassado. A violência com que os governos eram contestados como sendo apócrifos e falsos denunciava que a fórmula das elites não mais convencia nem mesmo aos setores da sociedade que partilhavam dela. Nesse sentido, as críticas básicas que circulavam repetidas vezes nos documentos da esquerda peronista tiveram efeitos multiplicadores na sociedade argentina, à medida que denunciavam esses governos, porque evadiam o veredicto popular, apelando para a força do cacete. Os setores médios e populares sofriram o arrocho salarial e o controle da vida civil. Esse é um momento importante da história argentina, porque mostra em que medida um governo que restringe os setores populares por via econômica e, ao mesmo tempo, reprime sua força política, deprecia-se. A violência dos grupos armados conseguiu, com isso, granjear certa simpatia da sociedade.

Levingston ficou no poder de junho de 70 a março de 71, quando foi substituído pelo general Lanusse. Levingston também se entregou mansamente.

No governo de Lanusse a violência dos grupos armados aumentou a par da crise interna das Forças Armadas, divididas quanto a “o-que-fazer” diante de um peronismo fortalecido pela juventude. Assim, começou a ganhar vulto outra idéia, a de que Perón seria o único articulador político capaz de resolver a questão da relação entre partidos políticos e Forças Armadas. A classe política, diante da decadência dos militares, começou a vislumbrar a saída eleitoral com mais otimismo do que em todos os anos de ditaduras militares.

O que teria, então, produzido tal reversão, após 18 anos da proscrição do peronismo? Como, depois de tantos anos, se chega à abertura política? Como, passado tanto tempo, os militares perderam um lugar que não lhes correspondia? Como, na Argentina, se esgotou esse longo ciclo de “governos sem povo”?

Lanusse foi o terceiro mandatário na linha que se iniciou com Onganía e se seguiu com Levingston. Como Onganía, Lanusse também queria ser presidente. De tanto as forças armadas se colocarem como instrumentos de correção e intervenção na vida política e civil argentina, como Perón, passavam os militares, agora, nos anos 70, a almejar o poder de uma presidência ganha na arena política. Na verdade, a configuração do poder militar desagregava-se. Com o desgaste dos “integracionistas”, dada a perda de função das burocracias envolvidas no peronismo sem-Perón, era realista esperar o retorno de Perón e a abertura política. Os integracionistas viram-se na contingência de ter de dar um passo atrás e devolver a Perón a cadeira de chefe. Por isso, Perón sempre manteve seus vínculos com esses setores e não deixou de reconhecê-los como componentes legítimos do peronismo. Isso explica por que, no avião que o trouxe na celebrada e definitiva viagem para a Argentina, em 1973, havia mais burocratas e antigos peronistas do que líderes populares e jovens militantes.

Nos governos militares, a interdição dos demais partidos políticos era a justiça feita (às avessas) em relação à necessidade de proibir o peronismo. Desse modo, para os partidos políticos, nos anos 70, a volta de Perón transformou-se na condição necessária para a abertura política. Uma importante força que passou, também, a compor o apoio a Perón.

Foram articulados vários foros para reforçar a abertura política. Durante o governo de Levingston, formou-se a *Hora de los Pueblos* e, depois,

o *Encuentro Nacional de los Argentinos*, ambos funcionaram como encontros multipartidários que se declararam a favor da democracia. Lanusse, no governo, também lançou uma proposta de abertura política – restrita, na verdade –, sob o nome de *Gran Acuerdo de los argentinos*, que tentava compor um pacto com alguns partidos políticos.

Perón, de sua parte, deu ouvido a todos, sabendo da ruína dos governos sem-Perón e da possibilidade de legalizar o peronismo. Em sua estratégia foi indispensável considerar, nessa hora, as diferentes possibilidades e envolver todos os diferentes âmbitos do movimento: o partido, os sindicalistas, a juventude, os grupos armados.

Após um jogo de pressões entre peronistas, antiperonistas e grupos armados, Lanusse teve de declarar aberto o processo político e as eleições de março de 1973. O retorno de Perón era iminente!

O retorno e o final do período de glória da esquerda peronista

Quando Perón retornou ao país, pôs fim à condenação oficial que, durante 18 anos, proibiu-o de viver na Argentina e de exercer a atividade política. Como se tratava de governos impostos pela força, a atividade política era praticamente nula, e, quando houve, sempre foi fustigada por golpes militares e por “un aparato represivo de insana crueldad”, tal como descreveu Cooke, na época.

Antes do golpe, o peronismo havia possibilitado de modo inigualável a participação pública dos setores populares. Desde 1955, a classe trabalhadora, que criara uma verdadeira identidade com as palavras, os gestos e as idéias de Perón, viu-se obrigada a recuar para uma posição incômoda, certamente, por ter de conter os impulsos para, assim, administrar os choques repressivos.

Os demais componentes sociais do peronismo – empregados públicos, comerciantes, militares do exército, pequenos produtores agrícolas e remanescentes da alta burguesia que, na época, deram-se bem com as políticas protecionistas de Perón – também sentiram, durante todos esses anos, na própria carne, a falta de um condutor, que poderia ser até mesmo tão autoritário quanto Aramburu e Onganía, mas que nunca conseguira ser paternal e, ainda, sedutor e popularmente tão eficaz quanto Perón.

Quem conseguiu, mediante pressão social e organização clandestina, que Perón retornasse à Argentina na tarde de 20 de junho de 1973 foi, certamente, a juventude que, nessa mesma tarde, no Aeroporto de Ezeiza, na cidade de Buenos Aires, foi atacada de surpresa pelos setores armados da direita peronista. Na verdade, aos peronistas da burocracia sindical e, em geral, aos grupos peronistas de direita incomodava profundamente a presença daqueles que, declarando-se também peronistas, apontavam para o socialismo e, no dia do retorno de Perón, aproveitaram para amedrontá-los e purgá-los (VERBISTKY, 1985). O confronto adquiriu magnitude tal, que Perón desembarcou em outro local. As acusações entre a direita e a esquerda peronista sobre os incidentes em Ezeiza tomaram conta da cena durante vários meses após a volta do líder.

Nos governos militares, a vida pública tinha sido contida pela força e desqualificada pela invasão de homens de igual aparência e atitude. As novidades oficiais concentraram-se em informações sobre a rotina do presidente e dos membros do governo: assistiam a missas comemorativas, reuniam-se com “juntas militares” para discutir assuntos de ordem geopolítica, visitavam bases aéreas e marítimas, inauguravam salas de aula em escolas militares.

A classe média, depois do governo de Perón, foi-se adequando, primeiro, pelo medo que impunha a repressão das Forças Armadas e, depois, pela necessidade urgente de se adaptar aos apertos salariais, demissões, aumentos de preços e vários controles impostos pelo governo.

O tigre, que Perón tinha domado nos anos de glória, ficou acuado no isolamento da classe trabalhadora, entre as armas da polícia e a distância de Madri. Perón, nesses anos, tinha insuflado a reação dos trabalhadores e de todos aqueles que estivessem contra a ditadura. Nos primeiros tempos, políticos peronistas, sindicalistas e colegas militares haviam se movimentado na Resistência Peronista a favor de Perón. Eram os fiéis ao movimento ou os “leais”, como o próprio Perón chamava-os.

Todavia, dentre todos eles, foi a geração dos jovens a que respondeu com mais firmeza ao chamado de Perón. Os jovens, dependendo da condição social, provinham das fábricas ou das universidades e dos colégios. Trata-se da geração que realmente se incomodava com os governos antiperonistas, porque via em Perón o autêntico líder de uma revolução social, numa luta inspirada muito menos na democracia e fortemente na revolução.

Perón não economizou mensagens incendiárias para atrair essa juventude:

(Refere-se a Che Guevara): su vida, su epopeya, es el ejemplo más puro en que deben mirar nuestros jóvenes, los jóvenes de toda América Latina [...] las revoluciones socialistas se tienen que realizar; que cada uno haga la suya, no importa el sello que tenga; la dictadura que azota a la Patria no há de ceder en su violencia sino ante otra violencia mayor. [...] La hora de los pueblos há llegado y las revoluciones nacionales en Latinoamérica son un hecho irreversible (Informação verbal, apud BASCHETTI, 1988, p.273-274).¹⁰

No ano seguinte: “[...] es preciso desgastar al enemigo mediante una lucha [...] hagamos miles de combates en los que todos los días tengamos la posibilidad de inferir una derrota parcial al enemigo” (Informação verbal apud BASCHETTI, 1988, p.295).¹¹

Militar e estrategista por profissão, Perón não demorou a difundir suas idéias e promover a organização dos interessados:

[...] la resistencia por todos los medios, en todo momento y lugar, debe ser la norma. [...] La salida violenta es, pues, la única salida. [...] se acabaron las contemplaciones. Hay que comenzar la guerra integral por todos los médios, en todo lugar y en todo momento [...] los jóvenes deben poner el impulso (Informação verbal, apud BASCHETTI, 1988, p.70).¹²

Em dezembro de 1964, tentou uma cartada decisiva: “Comienza la etapa de luchar disciplinadamente” (Informação verbal apud BASCHETTI, 1988, p.197).¹³

É verdade que não foi aquela aberta por Perón a única via que impulsionou o sentimento de rebeldia. O contexto também exibia o discurso da oposição entre capitalismo e comunismo da Guerra Fria. Não foi diferente na Argentina.

¹⁰ Carta de Perón ao Movimiento Peronista, por ocasião da morte de Che Guevara, Madri, 24 de outubro de 1967.

¹¹ *Perón a su pueblo*, setembro de 1968.

¹² Carta de Perón aos *compañeros peronistas*, Caracas, outubro de 1957.

¹³ Carta de Perón aos *compañeros peronistas*, Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1964.

Nos anos 60 e 70, a maior parte das reflexões sobre a falta de democracia estava relacionada à idéia de ela ser uma das peças necessárias à articulação do mecanismo imperialista. A polêmica opção pelo sistema social acabou tingindo as posições sobre a democracia, ou melhor, sobre sua falta.

Nesse sentido, o grito de resistência contra os governos militares ficou diretamente associado à luta contra um inimigo bem mais complexo, dada sua magnitude e abstração: o imperialismo internacional.

Nesse contexto, afinal, qual foi o lugar do peronismo? Os jovens mais bem informados, desde os anos 60, tomaram contato com as idéias de Marx, Lenin, Mao e Trotsky. Assim, falar em contradição, exploração, proletariado e imperialismo fez parte da cartilha corrente dos fervorosos debatedores, sempre atentos aos ouvidos controladores da polícia federal.

Perón, a seu lado, frente a comunismo e capitalismo, sempre falou de uma terceira posição, que podia ser, tranqüilamente, articulada ao marxismo, ao nacionalismo ou ao humanismo terceiromundista: “[hay] Una verdadera conspiración internacional dirigida y orquestada por los imperialismo dominantes” (Informação verbal apud BASCHETTI, 1988, p. 197).¹⁴ Em 1965, nova carta enfatizava essa posição: “Es imposible la coexistencia pacífica entre clases oprimida y opresora” (Informação verbal, apud BASCHETTI, 1988, p.223).¹⁵

Assim, Perón, muito mais do que abrir um caminho para que a população manifestasse sua reação, abriu todos os campos possíveis de significação da doutrina peronista para, com isso, facilitar a integração do peronismo (e, no limite dele mesmo) em toda a tendência nacional e internacional de oposição ao regime. Desde 1955, foi a única estratégia de Perón que se manteve sólida com o passar do tempo, assim como o objetivo que a impulsionou: a sobrevivência.

Comentários finais

Quando Perón voltou à Argentina, apesar das trapalhadas dos setores da direita peronista na festa de 20 de junho de 1973, defrontou-se com um problema: os grupos peronistas de esquerda, em sua maioria compostos por jovens, estavam bem organizados, uma vez que a organização, mais do que as idéias, tinha-lhes permitido resistir e conquistar a meta do “retorno” do líder máximo.

¹⁴ Carta de Perón aos *compañeros peronistas*, Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1964.

¹⁵ Carta de Perón à *Juventud Peronista*, outubro de 1965.

Perón, uma vez na Argentina, reforçou suas relações com todos os setores. Políticos e sindicalistas de diversas posições afiançaram seu trânsito junto ao líder. Nessa situação, os grupos de esquerda vão sendo relegados, a ponto de serem ameaçados de exclusão do peronismo. Num primeiro momento, as eleições são ganhas pelo peronismo, o que levou à presidência um representante do lado esquerdo, Hector Cámpora. Posteriormente, Cámpora foi orientado a renunciar em nome de uma nova eleição, dessa vez, com Perón como candidato. Em 12 de outubro de 1973, Perón assumiu a presidência numa situação permeada pelas tensões entre a direita e a esquerda peronista. Mas o contexto de Perón era outro, pois já conseguira seu retorno à Argentina e até mesmo seu lugar de presidente da nação.

Nesse novo contexto político e social, Perón tendeu para a direita, desprezou os grupos armados e as idéias libertárias dos jovens que até havia pouco insuflara. Dentro dos grupos de esquerda, a situação refletia o conflito da sociedade Argentina. Os condutores se tornaram cada vez mais obtusos quanto a decifrar as mensagens de Perón, que então não eram mais aquelas dos anos anteriores. Assim, o que tinha sido um quadro ideológico que justificava a liberação da nação passou a ser um mecanismo de negação dos reais interesses de Perón. Isso desencadeou uma perseguição cruenta aos jovens ativistas, que se acirrou ainda mais com a morte de Perón, no ano seguinte e com o golpe militar que aconteceu em 1976.

Nesse contexto, os jovens constituíram, na Argentina dos anos 70, o setor da sociedade que, incomodado com a vida política e carregado de valores novos ou reelaborados, conseguiu mobilizar a sociedade argentina. Nunca antes um setor da sociedade argentina conseguiu atravessar os limites tradicionais de classes e setores para se organizar em torno de ideais e estratégias. Eles trouxeram Perón de volta, eles se incomodaram com golpes e ditadores, eles elaboraram táticas e projetos, embora Perón, no novo contexto, desviou-se do ideal que ajudou a criar e que o colocou como máximo expoente da liberação nacional.

Assim, a conseqüência imediata foi a purgação desse setor da sociedade, trágico saldo que marcou o destino atual da Argentina. Se pensados como geração que traz a novidade, os jovens argentinos dos 70, vindos dos mais diversos setores sociais, marcaram o destino do país. Se visto no longo prazo, a conseqüência desse processo foi que a Argentina retomou seu triste caminho de ditaduras e perseguições e adiou, mais uma vez, a solução de seu antigo problema do embate entre peronismo e antiperonismo.

Referências bibliográficas

ARIAS, M. F. e GARCIA HERAS, R. Carisma disperso y rebelión: Los partidos neoperonistas. In: AMARAL, S. e BEM PLOTKIN, M. (Comps.). *Perón: del exílio al poder*. Buenos Aires: Cantaro, 1993.

Avanzada socialista, no. 9, ano 1, 3 de setembro de 1974.

BASCETTI, R. *Documentos de la resistencia peronista: 1955-1970*. Buenos Aires: Puntosur, 1988.

BOUSQUAT, A. e COHN, A. A construção do mapa da juventude de São Paulo. *Lua nova*, n.60, p.81-96, 2003.

Carta de Perón a los compañeros peronistas, 2 de dezembro de 1964, mimeo.

Compromiso de la JP com el pueblo de la patria. Comunicado, 26 de maio de 1973.

ETULAIN, C. R. *Peronismo e esquerda*. 2001. 326f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

FORASCHI, M. A. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

JAMES, D. The peronist left, 1955-1975. *Latin american studies*, v.8, n.2, p.283, s.l./s.d.

LUNA, F. *Argentina, de Perón a Lanusse*. 1943-1973. Buenos Aires: Planeta, 1972.

MANNHEIM, K. e STEWART, W. A. C. *Diagnóstico do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

Militancia, ano 1, n.6, 19 de julho de 1973. Violencia Revolucionaria, mensagem do Movimiento Nacionalista Revolucionário, Tacuara, 1º de maio de 1967.

ORTEGA Y GASSET, J. *Em torno de Galileu: esquema das crises*. Petrópolis: Vozes, 1989.

VERBISTKY, Horacio. *Ezeiza*. Buenos Aires: Contrapunto, 1985.

WASELFISZ, J. J. (Org.). *Relatório de desenvolvimento juvenil 2003*. Brasília: Unesco, 2004.